

Como referenciar este artigo:

BALBINOT, Zandra; GRAEML, Alexandre Reis; MACADAR, Marie Anne. A Internet e a estratégia de internacionalização das empresas brasileiras. In: Workshop em Internacionalização de Empresas. 6., 2007, Rio de Janeiro. *Anais...* novembro de 2007.

A Internet e a Internacionalização das Empresas Brasileiras

Resumo

A Internet tem se tornado uma ferramenta importante de abertura do mercado global em duas vias: visibilidade mundial da empresa que possui um *website*, que funciona como uma vitrine virtual para produtos e serviços e, ao mesmo tempo, como uma ampla fonte de informação sobre o que os concorrentes e concorrentes em potencial estão fazendo, independentemente de onde estejam localizados no planeta. A aceleração da globalização dos mercados é, em parte, consequência da conectividade proporcionada pela convergência da informática e das telecomunicações, que colabora para a construção de um mundo sem barreiras, gerando uma oportunidade singular para as empresas de ingresso em diferentes mercados internacionais. Hoje em dia, boa parte das empresas brasileiras possui um *website*. Mas, as empresas brasileiras estão realmente utilizando essa rica ferramenta e a conectividade para aumentar o seu poder de internacionalização e desenvolver uma vantagem competitiva global? O presente trabalho procura responder a essa questão, por meio de um estudo exploratório baseado na aplicação de uma survey a 121 empresas industriais do estado de São Paulo.

Introdução

Dentro da óptica da escola da gestão estratégica competitiva, as empresas que desejam sobreviver no mercado necessitam possuir uma atuação global (MINTZBERG, 1994). Contudo, possuindo um vasto mercado nacional de 188 milhões de habitantes (IBGE, 2007) e potenciais consumidores, as empresas brasileiras parecem estar menos motivadas ao risco internacional do que empresas vindas de pequenos mercados, desenvolvidos ou não, como as dos países nórdicos e até mesmo de outros países latino-americanos.

Por outro lado, o comércio eletrônico mantém-se em franco desenvolvimento no Brasil e no mundo. Uma pesquisa do E-bit (2007) indica que o varejo *on-line* brasileiro faturou, em 2006, cerca de R\$ 4,4 bilhões, o que representa um crescimento de 76% em relação ao ano anterior e mais de 700% em relação a 2001, quando o E-bit e a Câmara-e.Net realizaram sua primeira pesquisa sobre o comércio eletrônico no país. Visto que a Internet tem sido considerada como um vetor que reduz ou, em alguns casos, elimina distâncias, ao menos na “geografia mental”, na cabeça das pessoas (CASTELLS, 1999; DRUCKER, 2000), a internacionalização por meio da Internet parece ser uma forma de internacionalização razoável, a ser adotada pelas empresas brasileiras, assim como de qualquer outro canto da Terra. Em função disto, gerou-se a seguinte questão de base, que motiva este artigo: a Internet está aumentando o poder de internacionalização das empresas brasileiras?

Relacionadas a esta questão, existem várias indagações de ordem subliminar. Utilizando o modelo OLI de Dunning (1980), pode-se considerar um *website* como uma *localização virtual* e verificar, a partir daí, os benefícios estratégicos a serem auferidos pela apropriação deste espaço virtual como viabilizador do esforço de internacionalização. Olhando-se por este prisma, a internacionalização se torna uma estratégia exequível para diferentes empresas que, até então, não se consideravam, nem tampouco podiam ser consideradas, qualificadas para tal. A utilização da Internet enquanto *localização virtual* pela empresas brasileiras torna-se, ainda, um fator de aprendizado sobre novos mercados e de inovação nos produtos e processos, já que as expõem a mercados distintos, com diferentes expectativas e níveis de exigência, que demandarão flexibilidade e criatividade para serem atendidos. Estes estímulos ao aprendizado

e à inovação poderiam se constituir em fatores fomentadores de geração de diferencial estratégico que possa beneficiar empresas industriais brasileiras?

A análise que se propõe envolve pensar em vantagem competitiva¹ sob dois ângulos: a) nacionalmente, face à competição de empresas estrangeiras; b) internacionalmente, enquanto geradora de acesso ao mercado internacional.

A literatura referente ao impacto da Internet, enquanto estratégia de internacionalização de empresas, ainda é embrionária. Na realidade, existe uma visão generalizada de que a Internet causará uma revolução ou, como disse Drucker (2000, p. 1), uma transformação profunda “na economia, nos mercados e nas estruturas de indústrias inteiras; nos produtos, serviços e em seus fluxos; na segmentação, nos valores e no comportamento dos consumidores; nos mercados de trabalho e de emprego”. Outros falam ainda de revolução do marketing global (WATSON *et al.*, 2000; LAZER e SHAW, 2000). Vários estudos foram realizados analisando a Internet enquanto veículo de apoio à exportação, do ponto de vista mercadológico (BENNETT, 1997; HAMILL e GREGORY, 1997; MORGAN-THOMAS e BRIDGEWATER, 2004). Ainda outros estudos enfatizam o efeito de rede gerado por esse mecanismo (CHEN *et al.*, 2003) e a importância de conciliar a estratégia corporativa com a estratégia de Internet (WATSON *et al.*, 2000). Contudo, pouco foi discutido até o momento a respeito da Internet enquanto estratégia inicial de internacionalização para as empresas.

A fim de investigar as questões ligadas ao uso da Internet na estratégia de internacionalização, alguns conceitos são essenciais. A próxima seção trata de elucidá-los, com especial ênfase à identificação das estratégias tradicionais de internacionalização e da forma de transformar a *web* em um modo de entrada em mercados internacionais. A seguir, o paradigma OLI de Dunning é visitado, a fim de discutir a possibilidade de utilização da *web* como localização virtual, a partir da qual se lançar a iniciativas de internacionalização. Na seqüência, é discutida a metodologia de coleta de dados, são apresentados e analisados os dados e, finalmente, por tratar-se de uma pesquisa ainda jovem, são apresentadas, nas considerações finais, possíveis frentes de estudo para desenvolvimento futuro.

Estratégias tradicionais de internacionalização

Atuar internacionalmente, comparado a domesticamente, apresenta um campo imenso de oportunidades para a empresa que decide abraçar o desafio. Primeiramente, a internacionalização gera acesso a novos mercados e recursos. Em segundo lugar, o ato de internacionalizar-se expõe a empresa a uma nova realidade de mercado, estimulando-a a inovar, tanto devido às novas idéias que verá nos diferentes mercados, como pela necessidade imposta pela competição (MINTZBERG e QUIN, 1992; PORTER, 1990). Da mesma forma, de acordo com Johanson e Vahlne (1990), o efeito de rede de empresas, ou *clusters*, tal como definido por Porter (1998)², explica a motivação, o modo a ser utilizado como entrada no mercado exterior, mas também a necessidade de internacionalização das empresas.

Contudo, a decisão de expandir as fronteiras para além do mercado nacional apresenta inúmeros riscos. Logo, a estratégia de internacionalização deve ser bem estruturada, levando em conta as competências de cada organização. Dentro da literatura, pode-se encontrar vários modos de internacionalização propostos (ROOT, 1994; YOUNG *et al.*, 1989; BUCKLEY e GHOURI, 1999). O modelo mais conhecido é o desenvolvido por Root (1994). De acordo com esse autor, a empresa pode utilizar três formas para acessar o mercado exterior: a) via exportação; b) via contratual; e c) via investimento (ver Tabela 1).

Tabela 1 Modos de internacionalização

Exportação	Contratual	Investimento
<ul style="list-style-type: none"> ✗ indireto ✗ agente direto/distribuidor ✗ filial – neces. de investimento 	<ul style="list-style-type: none"> ✗ licença ✗ <i>franchising</i> ✗ acordos técnicos ✗ contratos de serviço ✗ contratos de gestão ✗ construção/contratos <i>turnkey</i> ✗ contratos de manufatura 	<ul style="list-style-type: none"> ✗ novo estabelecimento ✗ fusões e aquisições ✗ <i>joint ventures</i>

Fonte: traduzido e adaptado de Root, 1994.

Na realidade, existe uma evolução natural no processo de internacionalização de uma empresa. Segundo Cavusgil (1982; 1980), vários estágios podem ser identificados nessa evolução: a) pré-envolvimento; b) envolvimento reativo; c) envolvimento experimental limitado; e d) envolvimento comprometido. Ou seja, a empresa necessita, em um primeiro momento, entender o novo mercado, ganhar confiança, acreditar que vale a pena investir no novo projeto, para só então comprometer-se.

A mesma lógica pode ser identificada na taxonomia de Root (1994). Em uma primeira fase de exportação, a empresa inicia o processo com pouco comprometimento e aos poucos, à medida que evolui o negócio, investe mais recursos na exploração do novo mercado. Depois que a empresa adquire maior conhecimento das particularidades locais, desenvolve uma rede de contatos mais sólida e, com o surgimento da confiança de que o negócio nesse novo território é interessante para a estratégia da empresa, o comprometimento torna-se mais expressivo, fazendo com que ela comece a transferir *know-how* e habilidades técnicas para a nova região. Finalmente, a empresa encontra-se pronta para investir nesse novo mercado por meio de aquisições ou outras formas de investimento direto.

A Internet como estratégia inicial de internacionalização

A Internet enquanto estratégia inicial de internacionalização passa a ser uma opção interessante para empresas avessas ao risco associado às operações internacionais usuais. Na evolução natural das estratégias tradicionais de internacionalização, proposta por Root (1994), existe uma lógica de controle/risco que interfere na estratégia da empresa. Quanto menor o controle sobre a operação que a empresa possui no exterior, menor o risco associado à estratégia de entrada, em decorrência do menor investimento em ativos no projeto. Logo, utilizando o modo de entrada *exportação*, mencionado anteriormente, a empresa reduz seus riscos, mas, ao mesmo tempo, não poderá ditar suas regras de conduta para o negócio. Entre outras limitações, ela não poderá assegurar a qualidade de seus produtos e do tratamento dado à clientela local. Esse é o caso de uma operação via Internet: vende-se o produto, mas não há a garantia de como ele chegará ao destinatário, visto que a logística de entrega será executada por terceiros. Também não se poderá proporcionar, em um primeiro instante, o mesmo nível de suporte pós-venda que é oferecido nos mercados tradicionais da empresa, porque não haverá infra-estrutura local preparada para isto.

Seguindo a lógica apresentada, dentro do modo de entrada *exportação*, pode-se identificar a mesma evolução de um tipo de exportador para outro: do experimental, para o ativo, e, finalmente, para o comprometido (CAVUSGIL, 1980). Cada um deles implica em um nível de risco diferente, contudo, em um resultado final proporcional: quanto menor for o comprometimento (menor o investimento exigido), tanto menor será o risco, mas também o controle e, portanto, a participação esperada no resultado final (ver Figura 1).

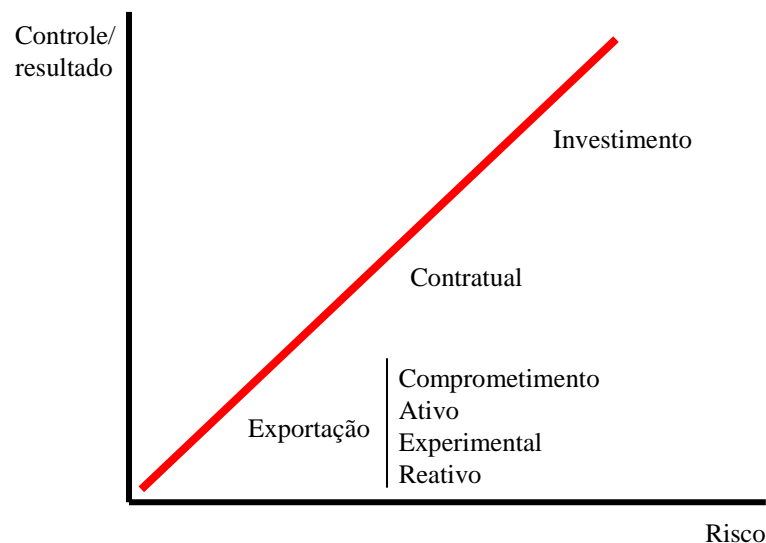


Figura 1 Curva de controle-resultado/risco

Um comportamento reativo pode ser visto como uma reação oportunista a uma determinada oportunidade de mercado. A própria construção do *website* da empresa pode ter sido uma atitude reativa à realidade de que hoje é fácil e barato desenvolver uma presença na Internet. Existindo uma página na Internet, clientes internacionais podem demonstrar interesse pelos produtos ou serviços da empresa depois de terem acessado a página da empresa. Daí pode-se gerar um comportamento reativo de venda para um cliente internacional, com a conseqüente exportação do produto.

Ao reagir a essa nova realidade, a empresa adotará um comportamento experimental, do tipo “vamos ver no que vai dar...”, sem, contudo, possuir uma estratégia bem definida e adequada para a internacionalização. Isto pode afetar negativamente os resultados obtidos.

Porém, se a empresa começar a demonstrar interesse pela atividade internacional, uma estratégia organizada e coerente poderá ser implementada, gerando um esforço positivo e organizado na direção da internacionalização, com potencial para resultados importantes nessa operação.

Para garantir a eficácia do esforço da organização internacional é necessário que haja comprometimento e pró-atividade. Ou seja, a empresa precisa passar a procurar oportunidades de negócio fora do país. Um esforço estratégico organizado guiará a empresa de forma a propiciar uma melhor relação entre esforço empregado e resultado obtido na internacionalização do empreendimento. Dentro dessa procura por novos negócios, a empresa pode encontrar a oportunidade de utilizar um modo de entrada com maior comprometimento como, por exemplo, o modo *contratual* ou de *investimento direto* estrangeiro.

De acordo com Ghemawat (2003), existem melhores alternativas do que a expansão física do empreendimento para pequenas e médias empresas locais que se vêem ameaçadas pela chegada de grandes empresas multinacionais. Ao incentivar as pequenas e médias empresas a buscar obsecadamente a redução dos custos de produção, a redução do risco e o aumento do volume de vendas, esse autor afirma que empresas locais de menor porte conseguem neutralizar o avanço de grandes conglomerados estrangeiros sobre seus mercados tradicionais e até mesmo reverter a situação, passando elas a atuar em mercados externos, em decorrência da competitividade que este tipo de esforço pode lhes proporcionar. Por meio da utilização da Internet, essas alternativas podem ser viabilizadas, já que ela proporciona uma *redução expressiva no custo* da estratégia de internacionalização, apresentando, portanto, um *risco menor*, com um potencial *aumento das vendas*, devido à exposição a um número mais elevado de mercados.

O paradigma de Dunning e a Internet

A vantagem de utilizar a Internet como veículo de internacionalização pode ser explicada pelo modelo de Dunning (1980). Segundo esse modelo, chamado de teoria eclética, o impulsor da internacionalização de empresas está relacionado a três fatores ou vantagens de que a empresa poderia usufruir em um mercado estrangeiro:

- 1) a propriedade (*ownership*) – vantagem relacionada à existência de competências internas da própria organização que a diferenciam das demais;
- 2) a localização (*location*) – vantagem relacionada à presença física em uma determinada região;
- 3) a internalização (*internalization*) – vantagem obtida quando os custos de incorporação e organização produtiva são menores que os custos de transação.

Utilizando a Internet, a noção de localização toma formas sem fronteiras. Na realidade, o espaço físico transforma-se numa *localização virtual*. Conseqüentemente, a capacidade de uma empresa atingir novos mercados aumenta de forma exponencial. A partir do mundo virtual, a maior preocupação da empresa passa a ser com os elementos de sua propriedade (*ownership*), ou seja, com as suas próprias competências, que devem ser suficientes para fazer face a uma concorrência muito mais forte e competente³.

Ainda de acordo com Dunning (1980), dependendo da combinação dessas três vantagens, a empresa possuiria quatro formas de investimento estrangeiro: baseado em 1) recursos; 2) mercado; 3) eficiência ou especialização; e 4) exportação e distribuição⁴. No caso da *localização virtual*, em um primeiro momento, o interesse ou forma de internacionalização é relacionado à exportação e distribuição. No longo prazo, em função do aprendizado envolvido na operação virtual, será possível também melhorar a eficiência e a especialização.

Vantagens ligadas à internacionalização via exportação virtual

Uma das vantagens associadas à Internet, principalmente no que tange às pequenas empresas, é o baixo nível de investimento necessário para obter acesso a mercados internacionais (MORGAN-THOMAS e BRIDGEWATER, 2004). Boggs (2007) lembra que a Internet se transformou em um recurso de comunicação e promoção crítico para muitas pequenas empresas, mudando a forma como elas atingem seus clientes e possíveis futuros clientes. O estudo conduzido por este autor, e reportado ao IDC, estima que o número de pequenas empresas a adotar alguma forma de comércio eletrônico venha a crescer 7,5% ao ano, pelos próximos 4 anos. Contudo, é importante se ter consciência de que, a fim de que a Internet aporte os frutos desejados, a empresa necessita investir um montante importante no desenvolvimento e manutenção do *website*, fator novamente limitante para as pequenas empresas. Uma outra questão que precisa ser considerada é o fato de que a Internet, ao invés de reduzir a importância da marca, como se imaginava que viesse a acontecer, a princípio⁵, provocou uma valorização ainda maior dela, em função da insegurança que assola a *web*. As pessoas, aparentemente, preferem utilizar *sites* de empresas conhecidas, mesmo que a sua proposição de negócio não seja melhor em todos os aspectos, a realizar negócios com desconhecidos na Internet. A confiança é um fator fundamental na decisão de compra pela rede. Para ilustrar este fato, Kleist (2002) lembra que 50% do crescimento de vendas pela *web* no mundo resultaram apenas da operação dos 10 maiores *sites* de venda ao consumidor, em 2001. No Brasil, também há uma enorme concentração da atividade de varejo eletrônico em algumas poucas empresas. Apesar de existirem milhares de operações de varejo *on-line* no país, 85% dos negócios estão concentrados em apenas 20 lojas (JARDIM, 2004). Estas constatações reforçam ainda mais o argumento de que o *site* de uma empresa na *web*,

independentemente do seu porte, precisa transferir a percepção de credibilidade. Do contrário, todo o investimento realizado será em vão.

A vantagem da Internet ligada à internacionalização é certa em termos de investimento inicial, visto que uma instalação virtual possui um custo menor que uma instalação física. Porém, a real vantagem desse veículo é a redução de riscos associada ao seu uso no estágio inicial de internacionalização. Além disto, a utilização da Internet enquanto *localização virtual* pelas empresas brasileiras deve ser considerada como um significativo fator de aprendizado, já que:

- a) uma das grandes razões para se desenvolver alianças estratégicas para a entrada em um determinado mercado é a falta de conhecimento do mercado local (CONTRACTOR e LORANGE, 1988). Mas, por meio da Internet, existe um aumento do fluxo de informação sobre os mercados internacionais visados, por meio do qual a empresa pode conhecer melhor a realidade local, mesmo sem estar fisicamente mergulhada nela;
- b) durante a troca de informações, uma rede virtual pode ser formada, tornando a empresa estrangeira mais próxima e conhecida do público-alvo internacional;
- c) finalmente, a empresa poderá testar, virtualmente, o seu produto, evitando, em um primeiro momento, um dispendioso teste (físico) de mercado que envolva o deslocamento de recursos.

Além do efeito de aprendizado, um outro efeito interessante gerado pela exposição virtual a um novo mercado é a inovação. De acordo com Porter (1990) e a teoria do diamante, várias condições do mercado internacional podem gerar um efeito positivo sobre a inovação da empresa local:

- a) a demanda internacional – quanto mais sofisticada e exigente for a demanda internacional (consumidores/clientes), maior será o esforço empregado pela empresa para se adaptar a essa nova situação. Logo, a empresa sentirá a necessidade de melhorar seus produtos devido à exposição a consumidores mais exigentes, o que também terá impacto nas suas ofertas locais, podendo gerar uma vantagem competitiva sobre os concorrentes que atuam nesse mercado, especificamente, e, eventualmente, também sobre concorrentes globais;
- b) as indústrias relacionadas e de apoio presentes no novo mercado – a empresa pode desenvolver uma rede de relações com fornecedores e outros parceiros mais sofisticados, possibilitando a produção de um melhor produto a um custo menor, muitas vezes;
- c) a rivalidade do mercado visado – a rivalidade encontrada empurrará a empresa a inovar e melhorar seus produtos. Assim, a empresa inovará a fim de reduzir os custos e melhorar a qualidade do seu produto e serviço, criando novos produtos e processos mais competitivos e melhor adaptados à nova realidade.

A *localização virtual* pode, ainda, gerar efeitos similares à localização física, em termos de economia de escala, economias de escopo e de aprendizagem (KOGUT, 1985). Os custos de transporte e impostos associados à internacionalização podem ser reduzidos. Um efeito de escala pode ser obtido, à medida que houver acúmulo de pedidos para a mesma localidade, que possam ser atendidos conjuntamente, por exemplo. Algumas competências da empresa (*ownership*), quando combinadas às necessidades do novo mercado, podem gerar resultados favoráveis no desenvolvimento internacional. À medida que a empresa inicia sua internacionalização, ela começa a formar um conhecimento sobre os mercados externos, cuja falta representava, anteriormente, um obstáculo importante no desenvolvimento das suas operações internacionais (JOHANSON e VAHLNE, 1977). A formação desse conhecimento pode ser iniciada, com menores níveis de risco, adotando-se uma estratégia de *localização virtual*.

Finalmente, uma das vantagens que não pode ser ignorada com a utilização da Internet é a possibilidade de venda direta, sem intermediários. Uma relação de fidelidade pode ser desenvolvida com o público-alvo internacional, ao se atendê-lo diretamente, por meio da Internet. Evita-se a necessidade de utilizar outras empresas para a internacionalização dos produtos da empresa, o que ocorreria no caso de exportação indireta, reduzindo os custos de desenvolvimento de agentes locais nos mercados-alvo, que precisariam ser treinados para agir de acordo com os valores da empresa. Também não exige a criação de um braço local da empresa nos mercados-alvo, o que demandaria investimento direto nas destinações internacionais.

O senso comum aponta na direção de que, “na era digital, mais empresas, dos mais diferentes setores, vão cada vez mais ignorar seus canais tradicionais de distribuição para atender seus clientes diretamente” (KANTER, 1998, p. 219). Contudo, muitas empresas enfrentaram e enfrentam ainda hoje a dificuldade de adotar canais mais diretos de venda ao consumidor, mesmo quando surgem tecnologias que estimulam e viabilizam tecnicamente esta iniciativa. Um caso clássico é o da Levi’s, que chegou a conceber, anos antes do advento da Internet como um facilitador da interação direta entre fabricante e consumidor, um modelo de negócios no qual o cliente visitava uma loja de departamentos, tirava suas medidas, escolhia o tecido e, depois, recebia em casa um par de *jeans* feito sob encomenda e sob medida. O lojista transmitia as informações necessárias para a produção da calça, a partir de um terminal de computador situado nas dependências da loja, diretamente para a linha de produção da empresa, permitindo a produção de forma “puxada” pela demanda de itens ajustados às necessidades individuais (MCKENNA, 1995). O modelo de negócio acabou sendo abandonado pela Levi’s, não por falta de aceitação do mercado, mas por conflito de interesses com os varejistas, que se sentiram ameaçados pela nova forma de comercialização dos produtos adotada pela empresa, que reduzia a relevância do seu papel na cadeia de valor. Em função de experimentos mal-sucedidos como este, Lee, Lee e Larsen (2003) apontam para o dilema enfrentado por muitas empresas, que dificulta a tomada de decisão estratégica sobre o posicionamento na *web*: caso não vendam seus produtos diretamente pela Internet, os clientes procurarão concorrentes que o façam, por outro lado, se o fizerem, seus distribuidores e varejistas desertarão delas e passarão a vender apenas os produtos de fabricantes que não concorram com seus parceiros.

Ora, um aspecto particularmente interessante da utilização da Internet para venda direta internacional, no caso de empresas que iniciam este tipo de comércio, é que não haverá conflito de canais, já que não existiam canais previamente estabelecidos.

Procedimentos metodológicos

O projeto de pesquisa que originou os dados analisados neste artigo foi desenvolvido com o objetivo de ampliar o entendimento da forma como as empresas industriais brasileiras utilizam a Internet para suportar suas estratégias e práticas de negócios.

Este artigo discute a percepção de empresas industriais do estado de São Paulo sobre o papel da Internet na internacionalização da organização.

Foram coletadas as impressões de empresas constantes de um cadastro da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), sobre quatro questões bastante simples, relacionadas aos impactos da Internet sobre a internacionalização das empresas pesquisadas:

- A Internet contribuiu para aumentar as vendas da empresa no exterior?
- A Internet aumentou a visibilidade dos produtos da empresa no exterior?

- A Internet contribuiu para aumentar as vendas de concorrentes estrangeiros no mercado interno?
- A Internet aumentou a visibilidade de produtos concorrentes estrangeiros no mercado interno?

As empresas foram convidadas para participar da *survey* por meio de uma mensagem de e-mail, contendo um *link* para a página eletrônica da pesquisa, enviada a cerca de 650 empresas que haviam participado de uma pesquisa anterior, realizada 3 anos antes. Na ocasião anterior, as empresas haviam sido questionadas sobre os impactos da Internet em diversas outras atividades do seu dia-a-dia, mas não haviam sido indagadas sobre questões de internacionalização.

Foram obtidas 121 respostas válidas. Essa amostra não é probabilística, pois foi formada a partir das empresas que aceitaram participar da pesquisa, originárias de uma amostra de empresas que já haviam participado de outra pesquisa anterior, que, por sua vez, compunham uma amostra de conveniência de empresas com cadastro junto à Fiesp. Uma comparação das proporções de empresas dos diferentes portes na amostra com as proporções ocorridas na base de dados da Fiesp de que originalmente faziam parte pode ser vista na Tabela 2. Observa-se que a amostra contém, proporcionalmente, mais empresas grandes (mais de 500 funcionários) e médias (até 499 funcionários) do que a população. Isto não representa problema maior, neste caso, porque se trata de um estudo exploratório, que não tem pretensões inferenciais. De qualquer modo, este é um motivo adicional àquele apresentado mais adiante – na seção que trata da análise dos dados –, para se realizar uma análise que discrimina as empresas participantes em função do porte.

Tabela 2 Proporção de empresas dos diversos portes na amostra e na população

	amostra	população
até 99 funcionários	73 (60,3%)	75,8%
até 499 funcionários	39 (32,2%)	20,4%
mais de 500 funcionários	9 (7,4%)	3,8%

Obs.: como as microempresas não foram convidadas a participar da pesquisa, também não foram computadas na composição da população.

As questões podiam ser respondidas a partir de um conjunto pré-definido de alternativas, apresentadas em uma escala Likert. Para marcar a resposta, o participante precisava apenas clicar sobre uma das opções disponibilizadas por meio de um menu *drop-down*, conforme mostrado na Figura 2, a seguir.

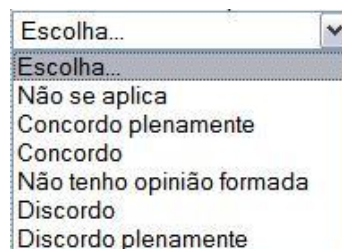


Figura 2 Menu *drop-down* adotado para as perguntas da *survey*

Discussão dos resultados da pesquisa

Tendo sido apresentados nas seções anteriores diversos motivos pelos quais a Internet pode representar um caminho interessante para a internacionalização de empresas brasileiras, passa-se agora a avaliar os resultados da pesquisa *survey* realizada de acordo com os procedimentos metodológicos descritos acima.

Caracterização da amostra

Dentre os respondentes, 4 eram presidentes de suas empresas, 38 eram diretores, 35 eram gerentes, 15 se definiram coordenadores ou supervisores, 21 possuíam outras funções dentro da empresa e 8 não indicaram sua posição na hierarquia organizacional.

Foram 54 empresas que fabricam produtos acabados para o consumo, 48 produtores de peças, módulos e componentes, 8 fabricantes de matéria-prima, 5 empresas de serviços logísticos e 6 empresas que declinaram responder sobre sua atividade principal.

116 empresas, das 121 participantes da pesquisa, afirmaram possuir um *website*, 43 das quais dizem dispor de informações em mais de um idioma em seu *website*. 78 empresas possuem intranet e 40 possuem extranet.

Respostas obtidas para as questões da survey

A Figura 3, a seguir, apresenta os dados coletados, relacionados às quatro perguntas específicas sobre internacionalização que foram feitas às empresas. Mas, antes de se partir para a análise dos dados, é necessário explicar a lógica de montagem dessa figura. O eixo das ordenadas apresenta, de forma discriminada, os dados relacionados às empresas de diversos portes, para cada uma das questões da pesquisa. Esta discriminação é realizada porque os autores perceberam, em estudos anteriores, que o porte é um fator importante de variação no comportamento das empresas com relação à percepção do impacto da Internet sobre suas atividades e também em virtude de haver ligeira discrepância nas proporções de empresas dos diversos portes entre amostra e população.

Os números contidos dentro de cada uma das caixinhas que compõem as diversas barras horizontais indicam a quantidade absoluta de empresas do referido porte que ofereceram determinada resposta à questão, de acordo com a indicação na legenda apresentada embaixo do gráfico.

Como a quantidade de empresas dos diferentes portes não é a mesma, já que há muito mais empresas pequenas do que grandes na amostra (e também na população de empresas industriais do estado de São Paulo, como foi visto na Tabela 2), adotou-se uma escala percentual no eixo das abscissas, para melhorar a comparabilidade das proporções das respostas para os diversos portes de empresa.

Visibilidade e vendas das empresas estrangeiras no mercado nacional

Conforme antecipado, as empresas maiores percebem impactos da Internet percentualmente mais significativos que as empresas menores sobre sua internacionalização. Dentre as empresas grandes (mais de 500 funcionários), 77,8% (7 das 9) consideram que aumentou a visibilidade de empresas estrangeiras no mercado nacional e também suas vendas (para esta constatação, considerou-se que as empresas que responderam “concordo” ou “concordo plenamente” têm uma opinião formada e afirmativa com relação à questão). No caso das empresas menores, existe uma percepção de que a visibilidade de empresas estrangeiras no mercado brasileiro sofreu um impacto maior do que o seu efetivo ingresso neste mercado (vendas). Isto é natural, mas traz uma preocupação adicional. É natural porque, em um estágio anterior à comercialização de produtos em uma nova região, é necessário fazer com que o mercado local se familiarize com o produto e com seus atributos, além de se remover as barreiras burocráticas ao comércio internacional. Os diversos modelos de internacionalização discutidos nas seções anteriores deste artigo prevêm etapas, ou estágios, no processo de avanço sobre um novo mercado externo. O atraso entre exposição e aceitação pelo mercado pode dar às empresas já estabelecidas em um determinado mercado, algum tempo para reagir e tentar neutralizar a “invasão” dos seus domínios. Por outro lado, a situação é preocupante, porque demonstra que as empresas locais

começam a ser ameaçadas até mesmo por produtos que ainda não estão sendo comercializados diretamente no país. Para reduzir a ameaça imposta por estas empresas que nem sequer estão presentes em determinados mercados locais, mas já ameaçam a competitividade das empresas ali instaladas, Drucker (2000) aconselha toda empresa a procurar se tornar competitiva globalmente, mesmo que produza ou venda apenas dentro de um mercado local ou regional. A preocupação com a atitude das empresas nacionais (principalmente as de menor porte) frente à mudança que a Internet, juntamente com outros fatores da globalização, impõe aos mais diversos mercados, vai além, ao se constatar que um número significativo delas (9 de 43, ou seja, quase 21%) não acredita haver qualquer impacto da Internet sobre a visibilidade de produtos estrangeiros no mercado local ou sobre a sua atuação direta neste mercado. É possível que estas empresas estejam alheias e/ou imunes à globalização?

Visibilidade e vendas das empresas brasileiras no mercado global

Dentre as empresas grandes, 77,8% (7 das 9) também têm a percepção de que aumentou a visibilidade da sua organização no exterior, embora apenas 55,6% (5 das 9) considere que isto se reverteu em vendas externas. Para as empresas médias e pequenas, o percentual das que acreditam que aumentou a visibilidade da empresa também é maior do que o das que perceberam aumento concreto nas vendas. Como já foi discutido, esta percepção é natural, já que antes precisa-se ser notado para só então se conseguir vender. É óbvio, contudo, que visibilidade não se transforma, necessariamente, em vendas, sem que haja um esforço adicional para isto, que precisa ser realizado por aqueles interessados em internacionalizar-se.

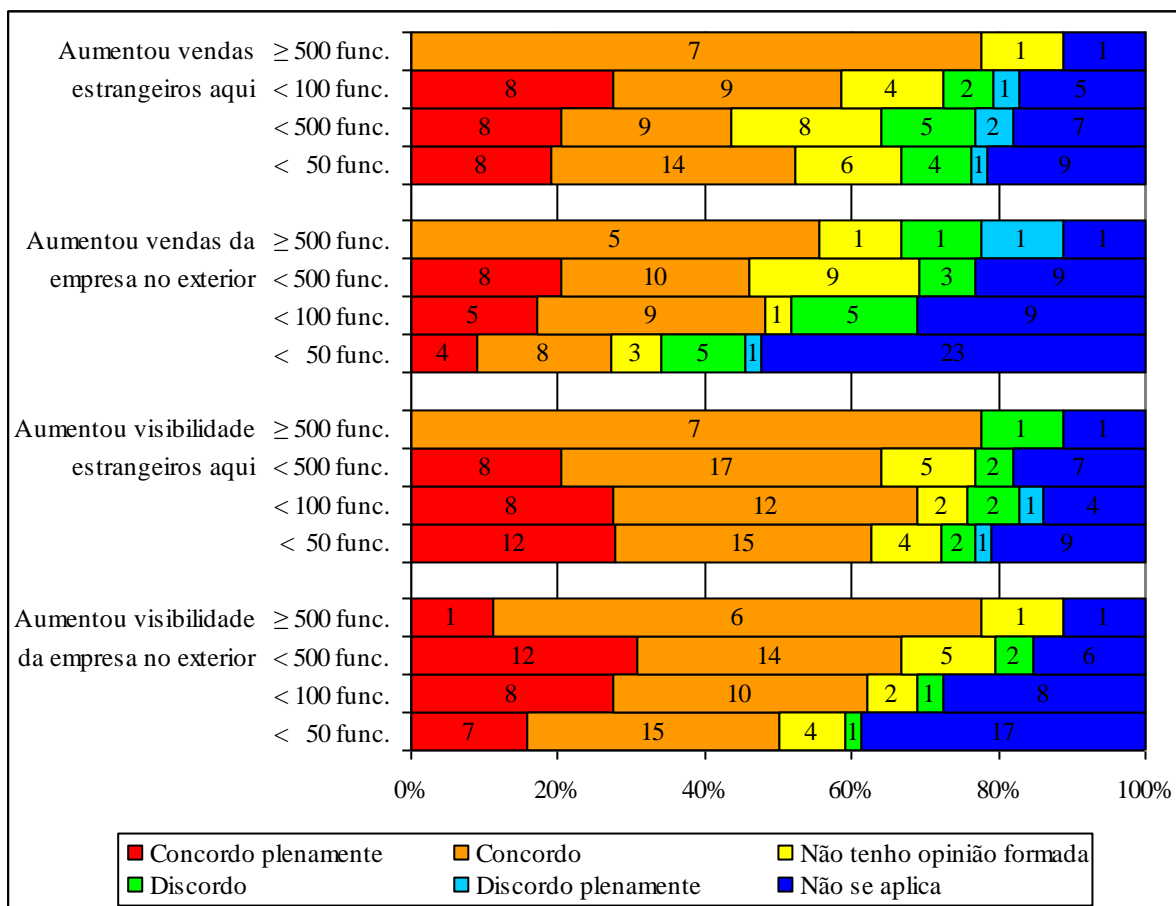


Figura 3 Percepção de impactos da Internet na internacionalização de empresas industriais brasileiras e na entrada de concorrentes estrangeiros no mercado nacional

Contraste entre a percepção de internacionalização de empresas nacionais (expandindo-se para outros mercados) e estrangeiras (ingressando no mercado nacional)

Em geral, os gráficos de aumento de visibilidade são parecidos. A maior diferença ocorre na percepção de conversão dessa visibilidade em vendas, com base na qual as empresas estrangeiras parecem estar tendo um desempenho melhor no Brasil do que as empresas brasileiras estão tendo lá fora. É claro que, em se tratando de um estudo de percepções, isto pode resultar simplesmente de uma maior facilidade de os indivíduos enxergarem benefícios para os outros do que para si mesmos, em qualquer processo de mudança. Conforme já no séc. XV alertava Maquiavel (1972), "o introdutor [de mudanças] tem por inimigos todos aqueles que obtinham vantagens com as velhas instituições e encontra fracos defensores naqueles que das novas ordens se beneficiam".

Ao se somar todas as respostas "concordo plenamente" e "concordo" apresentadas na Figura 3, para empresas dos variados portes, obtêm-se os valores apresentados na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3 Número absoluto e porcentagem dos participantes que concordam com as afirmações sobre aumento de visibilidade e aumento de vendas

	Aumento da visibilidade ...	Aumento das vendas ...
... de empresas estrangeiras no mercado local	79 de 120 (65,8%) concordam	63 de 119 (52,9%) concordam
... da própria empresa no exterior	73 de 121 (60,3%) concordam	49 de 121 (40,5%) concordam

Observe-se que o aumento de visibilidade percebido para as empresas estrangeiras no mercado local e da própria empresa no exterior são da mesma ordem, com um desempenho ligeiramente mais favorável para as empresas estrangeiras. A percepção de conversão desta visibilidade em vendas, contudo, é bastante desfavorável às empresas nacionais. Como se vê na Tabela 3, 52,9% dos participantes "concordam" ou "concordam plenamente" com a afirmação de que houve aumento nas vendas de empresas estrangeiras no país, em decorrência da Internet. Por outro lado, apenas 40,5% reconhecem impacto da Internet no aumento nas vendas internacionais de suas próprias empresas.

Principalmente entre as empresas de pequeno porte, os participantes da pesquisa acreditam que houve um aumento mais significativo da exposição de produtos estrangeiros no mercado nacional do que dos brasileiros no exterior. Esta constatação é, no mínimo, curiosa, já que desenvolver presença na *web* não impõe dificuldades adicionais a empresas brasileiras do que a empresas de outros países. Mais surpreendente é constatar que 38,6% das empresas pequenas consideram que a visibilidade da empresa no exterior "não se aplica", enquanto apenas 20,5% acreditam que a visibilidade de concorrentes estrangeiros no país "não se aplica". Entende-se que, ao afirmar que estas questões não são pertinentes, os respondentes consideram que não há motivo para que alguém lá de fora se interesse pelos produtos das empresas nacionais e que, em função disto, não há motivo para que empresas nacionais procurem garantir a melhor visibilidade possível da sua presença na *web*, no exterior. A taxa das empresas que, aparentemente, não se preocupam com a internacionalização (seja procurando conquistar visibilidade e atuação em novos mercados, seja lutando para bloquear o avanço de outros sobre seus mercados tradicionais, outrora cativos) é elevada, e sempre maior para as empresas de pequeno porte do que para as maiores. Salta aos olhos o fato de que 52,3% das empresas pequenas participantes da pesquisa (23 de 44) não considerarem relevante (responderam "não se aplica") a possibilidade de se internacionalizar por meio da Internet, o que representaria, em face da discussão realizada nas seções anteriores deste artigo, uma excepcional oportunidade perdida de aprendizado e inovação, além de expansão de mercados. Isto faz conjecturar sobre as possíveis causas deste fenômeno, o que representaria uma questão relevante para estudos futuros e uma oportunidade de atuação de organismos de fomento do empreendedorismo, como o Sebrae, por exemplo.

Considerações finais

Os dados coletados na pesquisa de campo evidenciam que os empresários brasileiros acreditam que a Internet tem impacto significativo na internacionalização do negócio, avaliado com base na visibilidade e concretização de vendas que proporciona às empresas brasileiras no exterior e também a empresas de alhures no mercado nacional.

Verificou-se que a percepção de impacto é maior no sentido de aumentar a visibilidade de concorrentes em potencial estrangeiros e permitir o seu ingresso no mercado local do que na geração de novos negócios para as empresas brasileiras no exterior, embora já se tenha salientado que isto pode decorrer, simplesmente, daquela característica humana de “sempre enxergar mais verde a grama do vizinho”.

Esta é uma importante limitação deste ou de qualquer outro estudo de percepção: não é possível saber, salvo por meio de aprofundamento da pesquisa com a utilização de métodos mais adequados para este fim, se realmente a percepção corresponde a realidade. Como limitações sempre estão associadas a novas oportunidades de aprimoramento, os autores deste artigo consideram que a verificação objetiva do real impacto da Internet sobre a geração de receitas, a partir de novos mercados (internacionais), representa um encaminhamento natural deste trabalho.

Contudo, se teoricamente a internacionalização de empresas através do uso da Internet parece ser o caminho natural, não é o que os achados desta e outras pesquisas empreendidas do Brasil demonstram. Ao se comparar os resultados desta pesquisa com os obtidos pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI, 2006), verificasse uma congruência entre as percepções obtidas aqui e o levantamento realizado pelo CGI. Naquele estudo, 58,8% das empresas que compuseram a amostra afirmaram utilizar a Internet como um meio para comercializar produtos da empresa, mas somente 5% delas realizam tais vendas pela Internet para fora do Brasil. Naquela mesma pesquisa, 45% dos participantes creditaram ao fator “inadequação dos produtos para a venda pela Internet” a impossibilidade de avançar com vendas para o exterior.

Tanto os dados da presente pesquisa como de outras similares no Brasil demonstram alguns aspectos interessantes, quando os relacionamos à literatura sobre internacionalização de empresas:

- o baixo nível de investimento necessário para obter acesso a mercados internacionais por meio do uso da Internet (MORGAN-THOMAS e BRIDGEWATER, 2004) não têm sido suficiente para estimular as empresas brasileiras a assumirem este desafio;
- mesmo aquele exportador denominado por Cavusgil (1980) como “experimental” não parece estar se entusiasmando na busca de novos mercados externos (muito menos o “ativo” e o “comprometido”).

Assim, se está longe de utilizar a Internet como uma forma de aumentar a internacionalização de empresas brasileiras. Possibilidades existem, não há dúvida e a literatura nesta área argumenta positivamente neste sentido. Contudo, por razões que não se buscou identificar nesta pesquisa, mas que representam uma questão interessante para trabalhos futuros, de fato, não se tem alcançado a internacionalização de empresas brasileiras pelo uso da Internet, nem mesmo em nível experimental.

Outras questões interessantes para o aprofundamento dos estudos são as seguintes:

- identificar e compreender os fatores que impedem ou desestimulam a utilização da Internet como um meio de internacionalização de empresas brasileiras;

- realizar levantamento detalhado em *websites* de empresas que se consideram internacionalizadas (ou estão a caminho de se tornar), verificando se as mesmas disponibilizam *links* em inglês, se respondem a solicitações/demandas, com que velocidade isso ocorre, etc.
- Ampliar a amostra desta pesquisa para o resto do Brasil, de modo a levantar as peculiaridades locais e regionais. Talvez, existam diferenças relacionadas ao contexto empresarial regional.

Desta forma, espera-se que estudos futuros utilizem os resultados aqui apresentados e possam aprofundar algumas das idéias advindas deste estudo inicial sobre o uso da Internet para a internacionalização de empresas brasileiras.

Referências

- BENNETT, R. Export market and the Internet: experiences of website use and perception of export barriers among UK businesses. **International Marketing Review**. v. 14, p. 324-344, 1997.
- BOGGS, Raymond. U.S. Small Business Internet 2007–2011 Forecast: Home Pages Experience Growth and Churn; Online Promotion and eCommerce Gain Traction. **IDC research report**. March, 2007.
- BUCKLEY, P.; GHAURI, P. **The internationalization of the firm**. Oxford: Thomson, 2. ed., 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAVUSGIL, S. T. On the internationalization process of firms. **European Research**. v. 8, p. 273-281. Novembro, 1980.
- CAVUSGIL, S. T. Some observations on the relevance of critical variables for internationalization stages. In: CZINKOTA, M.R.; TESAR, G. (eds.). **Export Management**. p. 276-286. New York: Praeger, 1982.
- CGI (Comitê Gestor da Internet no Brasil). **Pesquisa sobre o uso das TICs no Brasil**. 2006
- CHEN, H.; BRIDGEWATER, S.; PAN, S. A network analysis of the Internet's impact on the internationalization: the case of Hong Kong SMEs. In: WHEELER, C; McDONALD, F.; GREAVES, I. (eds.) **Internationalization: firm strategies and management**. New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- CONTRACTOR, F.; LORANGE, P. Why should firms cooperate? The strategy and economics basis for cooperative ventures. In: CONTRACTOR, F.; LORANGE, P. (eds.), **Cooperative strategies in international business**. Lexington: Lexington Books, p.3-30, 1988.
- DRUCKER, P. O futuro já chegou. **Exame**, São Paulo: Abril, n. 710, 22 mar. 2000.
- DUNNING, J. H. Toward an eclectic theory of international production: some empirical tests. **Journal of International Business Studies**, v. 11, n. 1, p. 9-31. 1980.
- E-BIT. Webshoppers. 15a. ed. São Paulo, **E-bit/Câmara-e.net**, 2007. Disponível em: <http://www.webshoppers.com.br>. Acesso em 23/04/2007.
- GHEMAWAT, Pankaj. The Forgotten Strategy. **Harvard Business Review**. p. 76-84. March 2003.
- GRANT, R. M. **Contemporary strategy analysis**. Oxford: Blackwell, 5 ed., 2005.
- HAMILL, J.; GREGORY, K. Internet marketing in the internationalization of UK SMEs. **Journal of Marketing Management**. v. 13, p. 9-28, 1997.
- IBGE. **Estimativas da população**. 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/online/popclock/popclock.php>. Acesso em 18/04/2007.
- JARDIM, L. Concentração on-line. **Veja**, n. 1868, p. 126, 25 de agosto, 2004.
- JOHANSON, J., VAHLNE, J. E. The internationalization process of the firm: a model of knowledge development and increasing foreign market commitments. **Journal of International Business Studies**. v. 8, n. 1, p. 23-32, 1977.
- JOHANSON, J.; VAHLNE, J. E. The mechanism of internationalization. **International Marketing Review**. v. 7, n. 4, p. 11-24, 1990.

- KALAKOTA, R. e WHINSTON, A. B. **Frontiers of Electronic Commerce**. Boston: Addison-Wesley, 1996.
- KANTER, R. M. Simultaneity. **Forbes**, p. 219-220, Nov 30, 1998.
- KLEIST, V. F. The private sector: to remain successful, Amazon needs more e-books, e-videos and fewer books, chain saws. **Post-gazette.com**, February 5, 2002.
- KOGUT, B. Designing global strategies: comparative and competitive value-added chains. **Sloan Management Review**. v. 26, n. 4, pp. 15-28. Verão, 1985.
- LAZER, W.; SHAW, E. H. Executive insights: global marketing management: at the dawn of the millennium. **Journal of International Marketing**. v. 8, n. 1, p. 65-77, 2000.
- LEE, Younghwa; LEE, Zoonky; LARSEN, Kai R. T. Coping with Internet channel conflict. **Communications of the ACM**. Volume 46, Issue 7. July, 2003.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- McKENNA, R. Real time marketing. **Harvard Business Review**, Jul/Aug, 1995.
- MINTZBERG, H. **The rise and fall of strategic planning**. New York: Free Press, 1994.
- MINTZBERG, H.; QUINN, J. B. **Readings in the strategy process**. London: Prentice Hall, 1992.
- MORGAN-THOMAS, A.; BRIDGEWATER, S. Internet and exporting: determinants of success in virtual export channels. **International Marketing Review**. v. 21, n. 4/5, 2004.
- PORTER, M. Clusters and the new economics of competition. **Harvard Business Review**, Nov-Dec, 1998.
- PORTER, M. **The competitive advantage of nations**. London: Macmillan General Books, 1990.
- ROOT, Franklin. Designing entry strategies for international markets. **Entry Strategies for Foreign Markets**. p. 22-44. Lexington, MA: Lexington Books, 1994.
- WATSON, R. T.; BERTHON, P.; PITT, L. F.; ZINKHAM, G. M. **Electronic commerce, the strategic perspective**. Orlando: Harcourt, 2000.
- YOUNG, S.; HAMILL, J.; WHEELER, C.; DAVIES, J.R. **International market entry and development strategies and management**. Harvester Wheatsheaf: Hemel Hempstead, 1989.

Notas explicativas

-
- ¹ Considera-se que uma empresa possui uma vantagem competitiva quando, dada uma situação em que há duas ou mais empresas competindo dentro de um mesmo mercado, ela consegue gerar um diferencial em relação às outras, que a leva a apresentar persistentemente um desempenho diferenciado – em relação a *market share*, tecnologia, lealdade do consumidor ou outros (GRANT, 2005).
- ² Clusters são concentrações geográficas de empresas interligadas: fornecedores, empresas em indústrias afins, instituições associadas, em áreas específicas que competem e cooperam entre si.
- ³ Essa situação é considerada excelente por Porter (1990) na análise do seu diamante. Segundo esse autor, empresas em situação de competição acirrada tornam-se muito mais competentes do que aquelas protegidas, em mercado fechado. Logo, a Internet, em virtude de reduzir eventuais vantagens de localização de umas empresas sobre

outras, deve gerar empresas mais competitivas e inovadoras, porque precisarão ser competitivas globalmente e não apenas dentro de certos limites geográficos delimitados.

⁴ Os nomes utilizados por Dunning (1988) para qualificar cada um dos quatro tipos de investimento são: *resource based*; *market based*; *rationalized specialization*; e *trade and distribution*.

⁵ Kalakota e Whinston (1996) consideravam que a Internet representava uma séria ameaça às marcas estabelecidas, tornando-as menos importantes do que no passado. É claro que o tempo provou que estavam errados com relação a isso, já que a confiança no vendedor se tornou um aspecto fundamental na realização de muitos negócios eletrônicos.